

arq

ARQUITECTURA E ARTE

Jan | Fev 2011 | €11,00

SANAA • aNC • Jorge Sousa Santos •
Frederico Valsassina • Baupiloten • njiric+
Tezuka • Helen & Hard • PT Bambu

Herman Hertzberger • Jos Boys • Anne Taylor • Peter C. Lippman
Rotraut Walden • Susanne Hofmann • Teresa Valsassina Heitor
Gonçalo Canto Moniz • Paulo Catrica

GERAÇÃO Z #2 • WAF • Falemos de [7] Casas em Cascais
Andrew Ballantyne • Raw-Edges • Fernando José Pereira • Bruno Pelletier Sequeira

SOLISTAS
AMBIENTES



Dossier: Matéria Sensível • Geração Z: André Campos+Joana Mendonça

Uma conversa com Andrew Ballantyne

Da medição à teorização contemporânea

GONÇALO FURTADO | Professor Auxiliar na FAUP

Gonçalo Furtado: Começamos remetendo para a tua vida dedicada à historização e crítica da arquitectura. Após um início de carreira enquanto arquitecto colaborador de uma empresa de grande dimensão, voltaste à Universidade de Sheffield para realizar estudos doutorais em teoria e história da arquitectura. Desde então, uma actividade intensa foi desenvolvida, como pedagogo em Newcastle, mas também como autor/editor de numerosos livros. Quais são as mais significantes memórias que guardas desse tempo? De que forma esse período de desenvolvimento como arquitecto, deixou influências? Pensas que os livros que hoje produzes reflectem-no de alguma forma?

Andrew Ballantyne: Uma questão seria a de porque é que fui inicialmente levado para a Arquitectura. Que pensava constituir o trabalho do arquitecto? Cresci no maior escritório local, que possuía uma galeria onde frequentemente se expunha arte e se apresentavam concertos. Formei então a visão da arquitectura enquanto actividade cultural. Mas realmente acredito que a minha escrita decorre mais de experiências de infância, mais até do que desses anos iniciais de prática profissional. Uma memória antiga que retenho é a de numa clareira atravessar uma porta que se rasgava num paramento arruinado, rumo a uma floresta ancestral. A porta estava em ruína, sendo difícil de abrir. Recordo a sensação que sentia nesta inesperada transição especial. Tratava-se de um lugar familiar, mas secreto.

GF: De facto, uma envolvente natural não é experienciável de forma completamente distinta do espaço arquitectónico...

AB: As distinções relevantes seriam entre familiar e desconhecido, próximo e longínquo, acessível e proibido. Casas que foram tornadas "museus" podem possuir interesse, mas existe algo mais profundamente fascinante em visionar os sinais de uma vida real não auto-consciente numa casa habitada.

GF: A memória e pensamento arquitectónico implicam certamente memórias anteriores. Que reténs dos anos de formação arquitectónica?

AB: Desde que me tornara estudante, desejei tornar-me num arquitecto. Só quando já era um é que percebi que a minha vocação era mais precisamente a escrita. Então cruzei-me com as ideias de Gilles Deleuze...

GF: Deleuze estava então a tornar-se na grande referência teórica arquitectónica dos anos 90. Por essa altura envolveste-te na escrita de uma dissertação sobre Knight e a "teoria do pitoresco", que se tornaria no teu primeiro livro "Architecture, Landscape and Liberty". Tal levar-nos-ia para aspectos como o gosto em arquitectura, e por aí em diante.

AB: Sim, fiquei fascinado por essa personagem – Richard Payne Knight –, o qual tão cedo quanto o ano de 1805 escrevera argumentando que todos os "princípios do gosto" estavam errados. No geral ele constituiu a minha abertura para o mundo proto-moderno. Abriu caminho para uma perspectiva Ruskiana, moralista da Arquitectura. Ainda que pouco se reconheça a visão ética de Knight, verifica-se uma necessidade em reconectar a Arquitectura com a ética.

GF: Possuis uma produção teórica considerável e alguns dos livros constituem referência para muitos estudantes e arquitectos. No que respeita ao período inicial, recordo por exemplo o recentemente publicado "Paliochora on Kythera: Survey and Interpretation", com G. Ince, que reflecte um interesse na arqueologia de assentamentos gregos antigos. Relativamente à produção subsequente, essa reflecte sobretudo um trabalho no domínio da teoria de arquitectura. Que reténs da escrita empreendida nesses anos iniciais? Tiveste ou tens as tuas próprias influências? Quais foram as reflexões então desenvolvidas e quais se tornaram marcantes para a tua linha de pensamento?

AB: Aprendi sobre uma quantidade de grandes coisas no projecto "Paliochora". Mudou o meu ponto de vista sobre a Arquitectura de modo fundamental. Trabalhava-se com grande ritmo, fazendo o levantamento e medições do terreno durante a manhã, nadando e lendo Deleuze na praia durante a tarde e realizando desenho à noite. O projecto ficaria estrangulado sobre estranhas dificuldades pessoais e políticas, o que constituiu um ensinamento relacionado com variadas dimensões da vida. Tudo se resolveria em 2007, vinte anos após a finalização dos levantamentos *in-situ*.

GF: Identifico alguma continuidade ao nível das tuas referências arquitectónicas e noto que muitos dos teus livros abordam temas algo relacionáveis. Pode-se identificar uma certa conceptualização no âmbito da estética, para além da ética que antes referias... Um impulso orientado para o debate sobre a natureza da arquitectura e seu papel na sociedade, assim como um comentário sobre o nosso quotidiano cultural e envolvente especial. Em certa medida, sugere-se um ambiente e arquitectura que dissolve distâncias entre objecto-usuário-experiência, avançando ideias e conceitos questionadores.

AB: Recordo-me que os edifícios em "Paliochora" não possuíam um mérito dito artístico, mas tinham interesse estético. As pessoas que os construíram viviam sobre o medo dos ataques de piratas. Percebe-se o quanto amedrontados se encontravam na forma como os campos não estavam nas proximidades das suas casas. Era rentável o esforço de viver atrás de um padrão defensivo.

GF: Há algo que manteria verdade no nosso tempo?

AB: Quando as pessoas são afortunadas e os edifícios são sofisticados, existe também outras coisas a discutir, e as questões fundamentais tendem a ser pouco cordiais... Eu tenho recentemente trabalhado sobre o "Tudoresque", isto é sobre o estilo inglês antigo, que se tornou no estilo arquitectónico mais construído ao longo do século XX. Ninguém refere nada sobre tal e os arquitectos ficam mesmo desconfortáveis com ele. Normalmente este não possui qualquer mérito arquitectónico, mas penso que o ponto mais importante não reside aí. Estou mais interessado numa teoria que explique porque é que as pessoas querem tais edifícios, do que uma teoria que nos diga que estão erradas ao querê-lo.

GF: Tal levar-nos-ia a um debate mais amplo sobre a relação entre a "inteligência" da disciplina da arquitectura e a vida cultural.

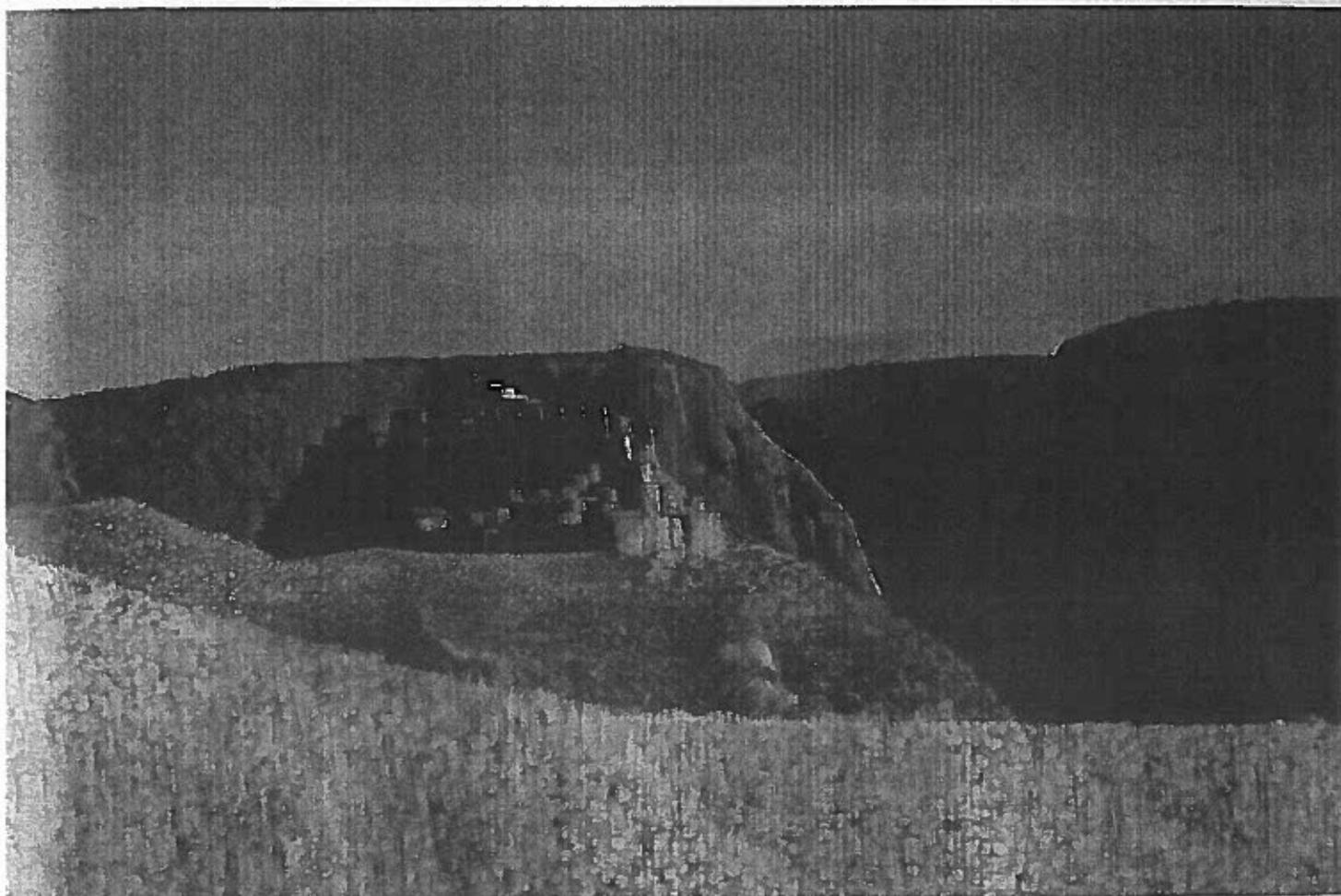


Foto: Cortesia Andrew Balantyne

Construction of Paliochora on Kythera

B: Eu possuo uma educação em arquitectura e o meu gosto tende a ser mais moderno. Mas tenho convicções incompatíveis. Não sinto possuir o direito de impor o meu gosto noutras pessoas, mas outras pessoas parecem possuir gostos bastante lamentáveis, tentar-se erradicá-los então torna-se numa imediata questão de moralidade. Novos edifícios que parecem antiquados são já *future-proof*. Mas algo "futurista" pode parecer obsoleto em 20 anos, quando desejar vendê-lo. O que parece plausível, por exemplo, para estudantes de arquitectura, é frequentemente muito diferente do que o mercado *mainstream* pode aceitar e absorver. Tornar-se-iamos menos marginais se ouvíssemos o que o público diz necessitar, e não que usualmente refiram necessitar de coisas que não queríamos que existissem.

F: "Architecture: A very short introduction" de 2002 e "Architecture Theory: A reader in philosophy and culture" de 2005 são *bestsellers*.

O primeiro salienta o significado da arquitectura enquanto construção cultural, longe de meras ideias de estilo ou quaisquer aspectos desse tipo. O segundo consiste numa referência pedagógica, incluindo protagonistas como Bataille, Bachelard entre muitos outros. Tenho usado, entre os meus estudantes, o "What is Architecture?" de 2001, onde se oferecem vários entendimentos sobre arquitectura – desde filósofos a usos correntes a arquitectos como Tschumi, Frampton ou Ghirardo –, assim como se desvela a influência que a arquitectura opera sobre nós e vice-versa. Este tipo de escrita arquitectónica é caracterizado por uma investigação mais sistematizada, também constituindo um convite à reflexão. Poderias aprofundar um pouco este aspecto?

AB: Estou interessado na tradição pragmatista de pensamento. No que respeita ao projecto, existiram sempre múltiplas perspectivas. Esta é uma das minhas contínuas preocupações. Os arquitectos podem ficar ensimesmados pela ideia de forma pura, mas tal é apenas uma visão das



Rural and Urban, Architecture between Two Cultures

coisas, existindo inúmeras outras que possuem igual validade e que podem ser mais importantes. Desejo despertar nas pessoas diferentes possibilidades, desencadear reflexões e pensamento.

GF: Podes partilhar as tuas ideias quanto à produção de livros introdutórios em arquitectura? Já no caso das compilações ou *readers* em teoria arquitectónica, o caso é diferente...

AB: Os livros introdutórios têm a maior influência. Apresentas as tuas visões trabalhadas enquanto informação básica e sussurrando à nova geração. As leituras compiladas tencionam despoletar questões que se gostaria que os projectistas estivessem a focar. Não diz: *do it like this!*. Os meus livros apresentam ensaios que nos fazem pensar.

GF: Como previamente aludido, surgiram livros de diferente natureza. Qual a tua opinião sobre o modo de organizar e desenvolver investigação, como arquitecto, pedagogo e escritor? Tens particular atracção em desenvolver um tipo específico de livro? Poderias partilhar como motorizas a experimentação?

AB: Mantenho uma postura experimental procurando continuar a pensar. Há um certo *squirt* marinho que cresce até à idade adulta, fixando-se num lugar onde a corrente de água lhe traga nutrientes. Quando adulto, assume um tipo de vida vegetal inteiramente passiva. O que há de espantoso nisto é que ao iniciar a fase adulta ingere o seu próprio cérebro, perdendo a capacidade de alguma vez mais pensar conscientemente. Todos os vertebrados têm alguma relação com isto e, por vezes, tenho a impressão que os humanos adultos permanecem de tal forma atarefados com a rotina que não sobra tempo, tempo para pensar. Não podemos a

todo o momento estar a pensar sobre tudo ou não fariamos mais nada. Na maioria do tempo apenas fazemos o que fizemos anteriormente, o que quer que seja. Mas de tempo a tempo temos de acordar e repensar as coisas. Talvez nos apercebamos que não podemos continuar a usar tanta energia como fizemos no passado. Talvez tenhamos de mudar o modo como financiamos a edificação, após o colapso do sistema bancário mundial. Uma vida que vale a pena viver é uma experiência. Se começarmos a desacelerar para consolidar o que já sabemos, tal começa por tornar-se confortável, mas convém não esquecer o tal *squirt* marinho.

GF: Estas continuidade fluidas são muitos deleuzianas. Produziste em 2007 o "Deleuze and Guattari for Architects", que inclui alguns capítulos interessantes como o centrado na "desterritorialização". Gostaria que abordasses o teu interesse em Deleuze e como é que tudo isso influencia o processo criativo. Nesse trabalho identificam-se princípios espaciais e formais muitos diferentes, os quais não se encontram necessariamente subordinados a uma materialização concreta. Quais os que identificas como mais importantes, e quais os que achas que farão reparações num futuro próximo?

AB: A atitude estava já a decorrer quando descobri o seu suporte na escrita de Deleuze e Guattari. Foi por isso que lhes correspondi simpaticamente. E esse experimentalismo – faz e vê o que acontece – que é tão cativante e "a-doutrinado" no seu pensamento. Espero conseguir encorajar isto nos estudantes. Alguns preferem que lhes digam como devem fazer exactamente, mas tal é apenas uma aprendizagem de como seguir ordens. Queremos pô-los numa posição onde tenham de pensar por eles.

Estou interessado na tradição pragmatista de pensamento. No que respeita ao projecto, existiram sempre múltiplas perspectivas. Esta é uma das minhas contínuas preocupações. Os arquitectos podem ficar ensimesmados pela ideia de forma pura, mas tal é apenas uma visão das coisas, existindo inúmeras outras que possuem igual validade e que podem ser mais importantes. Desejo despertar nas pessoas diferentes possibilidades, desencadear reflexões e pensamento.

MF: O website da instituição que integras descreve os teus interesses: “He interested in the way we identify with and finds form in complex things, including ourselves and our surroundings”. Queres comentar?

AB: Simplificamos as coisas complexas, para que possamos relacionar-nos com elas. Quando abordo uma porta quero saber como abri-la. Qualquer originalidade nessa situação será irritante: onde está o puxador? Por outro lado, se a porta é mais larga que o usual, parecerá importante. Há todo um jogo entre originalidade e convenção. Os grandes arquitectos sabem quando ser convencional e quando deliciar-nos com uma surpresa. Frequentemente preferem o melhor diluir coisas, tendo-as resolvidas, apropriadas e a funcionar. Depois, há locais especiais de exposição, como os monumentos públicos na cidade, as divisões nas nossas casas onde recebemos amigos, etc.

MF: Mencionavas na tua palestra em Portugal alguns clássicos arquitectónicos modernos, para promover a reflexão sobre a nossa relação com o ambiente arquitectónico. Em grande medida, a arquitectura é uma espécie de, como diria Leach, “camuflagem” simbiótica. No outro dia confundias-me que produziás toda a tua escrita num pequeno refúgio em França...

AB: Sim, tenho-me dedicado a renovar uma casa em Asquins, abaixo de Vezeley, onde Eileen Gray tinha a sua casa. A casa tem sido integrada com a pedra e o interior rearranjado completamente. O exterior encontra-se alterado. Adoro estar aí. No final existirá um sentimento de vida moderna, a correr numa concha onde não passa o tempo. Gosto do contraste com o exterior novo assim como da fluidez espacial. Aprendemos a viver numa casa da mesma maneira que aprendemos a tocar uma peça de música em piano. Inicialmente qualquer detalhe tem de ser considerado, mas assim que se torna intrinsecamente familiar, usamos a dita casa sem nunca pensar nisso. Não se trata apenas de forma pura. Pode ter custado tanto a sua compra, que eu a habitarei com a pressão de ganhar dinheiro para a pagar, vivendo uma vida mais stressada.

MF: Recentemente foste *chairman* da *Society of Architectural Historians* no Reino Unido, e também és membro da *Society of Architectural Historians* nos EUA. O período de crise económica em curso favorece uma reflexão particular sobre certos desenvolvimentos culturais, tecnológicos, etc. De que modo pode este contexto enriquecer a capacidade da arquitectura abordar e especular sobre modos de afrontar projectos futuros?

AB: Quando os tempos são bons, e de bonança, todos estão muito ocupados para pensar. Tenho estado também na comissão da *British Society of Aesthetics*, que é dominada por filósofos. Espero ter aprendido com eles o hábito de tentar explorar os meus pensamentos tão claramente e rigorosamente quanto possível. Tal é o que valorizo no meu trabalho. Penso que quando alguns arquitectos entram em contacto com filósofos acabam a querer fazer arquitectura com problemas filosóficos.

MF: Visitaste Portugal um par de vezes recentemente e descobriste Siza e a arquitectura portuguesa. Uma parte significativa da arquitectura portuguesa faz referência a um método baseado no desenho, sugerindo

soluções comprometidas socialmente que se ancoram aos lugares e contextos. Intitulaste a tua palestra recente em Portugal de “Shells and habits”; poderias explicar esse propósito ou argumento?

AB: Eu amo o carácter do Porto, que mistura, por exemplo, experimentos práticos com uma história rica. Há reminiscências marcadas pela grandiosidade e fantástico fabrico do século XIX, que já não podemos tomar seriamente, mas que vitaliza a cidade. Tais coisas não serão construídas nunca mais, sendo pois importante que sejam preservadas. Paralelamente há as pontes fantásticas que nos deixam sem respiração. A topografia urbana resulta em efeitos pitorescos, mais fortes junto ao rio, mas igualmente noutras partes da cidade, onde inesperadamente se rasgam perspectivas. O novo complexo de auditórios de Koolhaas expressa um compromisso convincente com a modernidade Internacional. Adoro os edifícios de Álvaro Siza, que parecem ter uma combinação de autoria e jogo. Eles são apropriadamente resolvidos e “correctos”, mas o que lhes dá vitalidade e lhes confere charme é que há sempre surpresas e inventividade ao nível de detalhe. Os edifícios têm o carácter de *unaffectedness*. Não forçam “efeitos”, mas antes encontram-nos nas circunstâncias da vida quotidiana. Acredito verdadeiramente que ele faz, por vezes de um modo muito *low-key*, aquilo que devíamos estar a fazer para tornar a vida quotidiana melhor. Os nossos princípios devem ter no centro das nossas preocupações a vida quotidiana em edifícios do quotidiano. Então teremos princípios que nos guiam rumo a práticas sustentáveis, boas vias, e edifícios honrados. Os edifícios excepcionais então romperão as regras, mas esses constituirão excepções, não os edifícios que procuramos para as nossas regras. Necessitamos que a maioria dos nossos edifícios nos ajudem a viver e não que se atravessem na nossa frente insistindo que nos apercebamos deles. Os arquitectos obviamente necessitaram de aperceber-se dos edifícios, de modo a aprenderem com eles. Mas não deveríamos considerar que os edifícios que dão mais nas vistas são os melhores. ■



Casa de Ballantyne em Asquins

Foto: Cortesia Andrew Ballantyne